

A POESIA MAIS QUE MARANHENSE NO CENÁRIO NACIONAL: a poética de Litania da velha, de Arlete Nogueira da Cruz, e sua inscrição na literatura brasileira**POETRY MORE THAN MARANHENSE IN THE NATIONAL SCENARIO: the poetics of Litania da velha, by Arlete Nogueira da Cruz, and her inscription in the Brazilian Literature**Marcos Antônio Fernandes dos Santos⁶¹

RESUMO: Este artigo trata de uma produção de final do século XX, escrita por uma poeta maranhense. Trata-se de *Litania da velha*, de Arlete Nogueira da Cruz. Por sua vez, objetiva discutir sobre aspectos de sua produção e a importância da poesia escrita por Arlete Nogueira, para a construção de uma literatura mais que maranhense. Assim, verifica-se que Arlete inscreve nas Letras nacionais uma obra de grande valor, não apenas estilístico, metafórico, artístico, mas também histórico e representativo. O poema representa parte da história da velha cidade de São Luís, assim como indica uma preocupação com o patrimônio histórico nacional, com a história e a vida do povo brasileiro. A poesia maranhense, assim como outrora, se expande para além do território em que nasce e expande horizontes, escancarando nossas raízes, nosso povo e a beleza da palavra que brota de cada canto de nossa imensa nação.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Poesia. Maranhão. Arlete Nogueira da Cruz. Litania da velha.

ABSTRACT

This article deals with a late 20th century production written by a Maranhão poet. This is Litany of the old woman, Arlete Nogueira da Cruz. In turn, it aims to discuss about aspects of its production and the importance of poetry written by Arlete Nogueira, for the construction of a literature more than Maranhão. Thus, it is verified that Arlete inscribes in the national literature a work of great value, not only stylistic, metaphorical, artistic, but also historical and representative. The poem represents part of the history of the old city of São Luís, as well as indicates a concern with the national historical heritage, the history and life of the Brazilian people. Maranhão poetry, as it once once expands beyond the territory in which horizons are

⁶¹ Doutorando em Letras, pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, mestre em Letras (Teoria Literária) pela Universidade Estadual do Maranhão. É membro do grupo de pesquisa Literatura e Vida (GPLV). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e monitor de disciplinas como Filosofia da Educação. Atualmente é Professor na Educação Básica, atuando no Ensino Fundamental de 6º a 9º ano. Atua como professor substituto na Universidade Estadual do Maranhão, curso de Letras. E-mail: marcossantos@professor.uema.br

born and expands, scrambling our roots, our people and the beauty of the word that springs from every corner of our immense nation.

Keywords: Brazilian literature. Poetry. Maranhão. Arlete Nogueira da Cruz. Lítania da velha.

INTRODUÇÃO

A escrita de poesia é uma atividade que se faz presente há bastante tempo na vida humana. Essa forma de expressão é reconhecida pelo poder conferido às palavras, pela pluralidade de significações. O poder da poesia transcende o mero uso cotidiano da palavra, a linguagem poética guarda e revela segredos que somente os leitores mais apurados conseguem identificar. Durante sua longa história, e de maneira geral, a poesia tem recebido o devido reconhecimento pela sua proposta, pela experiência que vem proporcionando ao homem, fazendo-nos enxergar o mundo e as coisas para o que está além do óbvio, descortinando o invisível aos olhos, mas evidente ao espírito.

Ainda assim, sua trajetória também é marcada por muitos questionamentos e críticas a respeito de suas propostas, formas e transformações pelas quais passou ao longo dos tempos, o que acarreta mudanças quanto a concepção de beleza e ideal poético. É justamente por conta dessas mudanças quanto a concepção do que é ideal e belo na poesia, que essas produções são estudadas, analisadas em suas formas e conteúdo, o que não está relacionado, necessariamente, com a ideia de se realizar julgamentos de valor, ou qualificar essas produções como boas ou ruins.

Estudar a poesia é uma atividade necessária para que possamos conhecer melhor a respeito de tais produções, em sua multiplicidade, reconhecendo nelas aspectos comuns e distintivos, mas que são constitutivos de sua natureza, e que certamente têm influências do tempo, da sociedade e mesmo do homem, que hoje já não é mais o mesmo de outrora. A complexidade da poesia é entendida tanto pelo teor do que lhe é interno, quanto também pelas relações que estabelece com o que é externo a ela, mas que de alguma forma, a constitui. Sobre a sua trajetória, tanto no que diz respeito à leitura apreciativa, quanto ao estudo da poesia, o que fica evidente é que o lugar que ela ocupa hoje na sociedade, já não é mais o mesmo, atualmente, seu lugar é mais restrito.

Sua influência social hoje é menor, mais lenta, mas, segue persistente e em direção a uma constante evolução, mesmo que isso não agrade àqueles mais conservadores, em relação ao teor formal e padrão da poesia. Mesmo diante da abertura que a poesia tem encontrado a novas formas e conteúdo, o que vem acontecendo desde o advento do romantismo, e com mais força após o movimento modernista, a poesia ainda carrega elementos estruturais e formais que não se perderam, que são comuns a diferentes tempos, estéticas e ideais, o que é o caso, por exemplo, do verso. Mesmo tendo sofrido alterações em sua estrutura, o verso ainda é a base da poesia.

A construção do verso, por consequência, do poema, é particular de cada escritor, que imprime marcas muito específicas de seu estilo, que por sua vez também pode sofrer influências da vida e do local onde o poeta se inscreve e vive. No que diz respeito à literatura brasileira, ela é bastante plural, pois tem reflexos de muitas culturas, povos e histórias. A tomar pela própria diversidade existente no Brasil, é de se esperar que em cada região do país a produção literária receba traços peculiares, especialmente por conta da cultura local, que está inserida no âmbito maior, o nacional.

No Maranhão, Estado presente na região nordeste do Brasil, presencia-se uma diversidade de culturas, saberes, tradições e produções artísticas. Nesse sentido, a literatura sempre foi uma manifestação presente de forma intensa no Estado, e desde a formação do país e de nossa literatura, o Maranhão tem entregado nomes de muito talento e relevância para a literatura brasileira, tais como Gonçalves Dias, Coêlho Neto, Ferreira Gullar, Maria Firmina dos Reis, entre outros. Mesmo com o passar dos tempos, nossa terra não perdeu em nada o seu desempenho em relação à produção literária. Os séculos XX e XXI, por exemplo, nos apresentam escritores de reconhecido talento e atentos às novidades do cenário artístico literário, compromissados com a produção literária no Maranhão.

Diante do exposto, este artigo trata de uma produção de final do século XX, escrita por uma poeta maranhense. Trata-se de *Litania da velha*, de Arlete Nogueira da Cruz. Por sua vez, objetiva-se discutir sobre aspectos de sua produção e a importância da poesia escrita por Arlete Nogueira, para a construção de uma literatura mais que maranhense. O poema *Litania da velha* é uma composição que pertence à produção literária maranhense, porque a escritora é natural do Maranhão, e ainda porque o conteúdo do poema faz referências ao local, à cultura da região, embora dialogue com a história e a literatura nacional. Publicado pela primeira vez em 1995, o

poema sofre influências do seu contexto de produção, da estética vigente, da formação e das leituras da escritora, ou seja, é reflexo também de questões próprias da personalidade e das preferências literárias da poeta.

ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ E SUA ESCRITA

Arlete Nogueira da Cruz é uma escritora, poeta, e professora maranhense, nascida na cidade da Catanhede, e atualmente residente em São Luís, capital do Estado. Casada com o também poeta Nauro Machado, Arlete possui uma produção em torno de seis obras, das quais constam romances, contos, poemas e ensaios filosóficos. A escritora é também professora aposentada, licenciada em filosofia (UFMA) e mestre em filosofia contemporânea (PUC-RJ), tendo lecionado nas duas universidades. Sobre sua produção, Maria Silvia Antunes Furtado, enumera:

A parede (romance), de 1961 e 2ª edição, de 1994; As cartas (cartas literárias), de 1969; Compasso binário (romance), de 1972; Canção das horas úmidas (poesia), de 1973; Lítania da velha (poesia), de 1995 e 2ª edição de 1997; Trabalho Manual (prosa reunida), de 1998. Nesta edição, As cartas recebem o novo título de Cartas da paixão. No final do ano 2000 publicou Contos inocentes (conto), pela Imago, Rio de Janeiro (FURTADO, 2019, p. 82).

A leitura atenta de suas obras, revela que as mesmas sofrem influências de sua formação como filósofa, mas acima de tudo, Arlete parece ter uma inclinação muito natural para a escrita literária, quase como um talento nato. Nota-se, com frequência, a cidade de São Luís, onde viveu praticamente toda a sua vida até hoje, como temática ou cenário de sua obra, observa-se isso, por exemplo, nos romances *A parede* e *Compasso binário*, e, ainda, no poema “Lítania da velha”, espécie de alegoria à velha cidade.

Em seu primeiro romance, *A parede* (1994), a cidade é descortinada pelo olhar de uma das personagens: “Esta São Luís adormecida sob suntuosos edifícios de corrupção, mas pulsando insone pelo coração de um povo que não se cansa de festejar, magro e desdentado, com cantos e danças, cores e poesia, uma espécie de vitória: a vitória da própria e infeliz sobrevivência” (CRUZ, 1994, p. 98). Sua escrita se coloca também, em muitos casos, como forma de denúncia a situações de descaso, e mesmo, da miséria humana.

Em *A parede*, princípio de sua escrita literária, pode-se perceber uma espécie de anúncio do que encontraremos em seu poema “Litania da velha”, que como se verá adiante, pode ser entendido também como uma referência à velha cidade de São Luís, que, por meio dos versos, faz crítica ao descaso, ao abandono da cidade e da história guardada por ela através de seu patrimônio. Arlete Nogueira da Cruz é citada como uma das grandes novidades entre os novos nomes da literatura maranhense, que teve seu auge e glórias com os grandes poetas e romancistas do século XIX, tais como Gonçalves Dias, Sousândrade e Odorico Mendes.

A professora e pesquisadora Dinacy Mendonça Corrêa, a respeito de Arlete, ressalta que na “mais nova representação da poesia contemporânea do Maranhão, adepta das tendências modernistas – situa-se Arlete Nogueira, cujos quarenta anos de labor artístico com a palavra, comemorou-se em 2002” (CORRÊA, 2010, p. 2). O poema *Litania da velha*, considerada sua *Magnum opus*, é indicado por muitos críticos e pesquisadores como o ponto máximo da produção poética de Arlete, que através de recursos poéticos e narrativos, tece beleza a caminhada de uma velha. Com o poema, Corrêa aponta que Arlete Nogueira “impõe-se como a mais altíssimo voz da poesia considerada pós-moderna maranhense” (CORRÊA, 2010, p. 2).

A escritora, situada em seu contexto de produção, reflete em suas obras as marcas do final do século XX e início do século XXI. Influenciada pelas profundas mudanças anunciadas e realizadas pelo modernismo, a escrita arleteana evidencia a perda de referenciais padrões, a fragmentação, as incertezas humanas, e associado a todas essas questões, o essencial à literatura e à lírica, que é a qualidade estética, a riqueza expressiva que a poesia carrega.

UM OLHAR PARA A ARTE LITERÁRIA MAIS QUE MARANHENSE: A POÉTICA DE ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ, EM *LITANIA DA VELHA*

Realiza-se, aqui, alguns apontamentos sobre a arte literária da maranhense Arlete Nogueira da Cruz, partindo da leitura *Litania da velha*, considerada por muitos a sua principal obra. Portanto, são apontados alguns aspectos relativos à construção do poema e à representatividade expressa por ele. Também se discute sobre sua importância, não somente para a produção regional, mas para a constituição da literatura nacional contemporânea. Assim, se por muito tempo o estudo dos chamados estilos de época ou escolas literárias foi importante

para se reconhecer os aspectos de um texto, contemporaneamente esse não é o caminho mais adequado, principalmente porque cada escritor tem seus recursos estilísticos, e cada tempo e lugar tem suas particularidades que influenciam a produção literária.

Para uma análise plural da escrita de Arlete, é necessário o mergulho no poema em si, tendo em vista a explorar a diversidade de nuances possíveis em relação aos traços impressos no texto, e a pluralidade de sentidos resultante. A começar pela escolha do título do poema, cabe ressaltar a etimologia da palavra “litania”, que vem do latim *litaniae*, derivado do grego *lite*, e significa oração ou súplica⁶². Em seu sentido figurado, aquele comumente utilizado na linguagem poética, a litania ou ladainha pode ser entendido como um falatório interminável, que se repete, como uma narrativa que se prolonga.

Quanto ao sentido expresso pelo termo velha, que é parte do complemento nominal de Litania, pode-se verificar uma duplicidade de significados, conforme o que será exposto adiante. A velha seria uma senhora idosa ou a cidade antiga e maltratada? Ou ainda, poderia ser as duas coisas ao mesmo tempo? É nessa ampla possibilidade de compreensão que a escolha do título se revela norteador para a construção de interpretações. Todos os versos do poema são introduzidos, por exemplo, por artigos definidos como “o, a, os e as”, vejamos os seis primeiros versos:

O tempo consome o silêncio e mastiga vagaroso a feroz injustiça.
O campo se perde embebido em jenipapos para a manhã sufocada.

Os bois da infância ruminam sua paciência e espreitam essa audácia.
O tempo dói na ferida aberta da recordação.

A velha cata os pertences no quarto que exhibe sua miséria.
A sacola esconde improvisos da vida e ganhos equivocados.

O uso dos artigos definidos sugere a ideia da repetição, de monotonia e mesmo de invocação, materializando, nos versos, aquilo que a litania se propõe a realizar. Sobre os versos iniciais, percebe-se também que os elementos tempo e memória são constitutivos do poema, e imprimem valor às possibilidades de compreensão do texto. No primeiro verso, temos a presença da personificação, figura de pensamento que atribui características de seres animados

⁶² <https://educalingo.com/pt/dic-pt/litania>

(mastigar) a seres inanimados (o tempo), conferindo riqueza e pluralidade de percepções e sensações ao leitor. O mesmo caso se verifica no segundo verso, em “manhã sufocada”.

O poema é constituído por 120 versos, os quais estão dispostos em dísticos. Uma possível justificativa pela opção de construção do poema em dísticos, está na pausa, no espaço observável entre o conteúdo de uma estrofe para a outra, são estrofes curtas, trazendo mais possibilidades de assimilação do que está sendo dito, organizando a sequência narrativa. Tem-se, ao todo, um total de 60 dísticos. Sobre a disposição do texto no livro físico, cada página apresenta dois dísticos, ou seja, quatro versos, excetuando o caso das páginas com os versos 105/106 e 119/120 que aparecem, ambas, com apenas um dístico, dois versos.

No que diz respeito à construção dos versos, a metrificacão não segue um padrão tradicional, todos os versos possuem mais de 12 sílabas poéticas, sendo, portanto, versos bárbaros. E sobre a sonoridade, não se observa o uso de rimas, os versos são brancos. O verso e a estrofe de Arlete não seguem uma tradição clássica, observa-se a quebra com esses valores e a construção de um ritmo próprio para o poema. A tendência à liberdade formal é muito comum a partir do século XX, especialmente na poesia.

Tal perspectiva é corroborada por Norma Goldstein (1987), que diz que a partir das primeiras décadas do século, o ritmo dos poemas passa a ser cada vez mais solto, traçando um distanciamento das regras tradicionais da métrica. Assim, surgem os versos assimétricos, tais como são aqueles que encontramos em *litania da velha*. O poema inova, especialmente, porque através do uso do verso, tece uma narrativa. Assim, temos na escrita em questão, um poema narrativo, longo, que apresenta personagem, espaço, enredo e um eu lírico narrador, ou seja, observa-se, na estrutura do poema, vários elementos constitutivos da narrativa.

De acordo com a definição de José Batista de Sales (2011), presente no E-Dicionário de Termos Literários, o poema narrativo pode ser entendido como “a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local, dada a presença ou a ausência de grandiosidade”⁶³. Assim, a partir de tal percepção, somos capazes de perceber traços da prosa presentes na poesia de Arlete. Para Fernando Paixão (2014):

⁶³ <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/pnarrativo/>

[...] a natureza rítmica desse tipo de escrita funciona ao modo de uma linha contínua. Cabe ao poeta puxá-la e compor um traçado próprio, sugerir imagens utilizando o contraponto de palavras, tons, espaços e pontuações. O fluxo das frases corresponde ao movimento da linha. (PAIXÃO, 2014, 129).

O trabalho de Artete Nogueira, em *Litania da velha*, é, portanto, conciso, calculado, tendo em vista uma escrita em verso que se propõe também a dar conta, em alguns aspectos, do que as narrativas realizam. O elo entre a velha, personagem andarilha que percorre as ruas da cidade, e o espaço, que são as ruas da velha cidade de São Luís, é construído a partir de uma relação complexa, intrínseca, que se percebe através da noção de pertencimento. A personagem e o espaço não se separam, se relacionam de forma muito íntima. Atentemo-nos aos versos 25 e 26:

A velha segue contrita o percurso que perfaz com fiel devoção.
Os anos na corcunda lhe duram e doem como pesados fardos.

A velha, durante todo o percurso narrado pelo poema, segue firme em caminhada pelas ruas, exercício que se repete cotidianamente, ao longo dos anos, repetitivo com uma litania, carregando consigo objetos simples, sem valor financeiro, mas que representam e guardam grande valor afetivo. O andar da velha por entre os espaços que constituem a velha cidade é o que confere sentido a seus dias, perambular por aquelas ruas, para ela, é motivo de prazer, mesmo em meio ao cenário de miséria, sofrimento e apatia, que rodeia a vida da mulher.

Através de uma cosmovisão do poema, conseguimos inferir que os versos se constroem por meio de uma alegoria em que a velha, eixo central da poesia, pode ser tanto uma mulher idosa que carrega as marcas do tempo, assim como também pode ser a cidade, a velha cidade de São Luís, que também carrega as marcas do tempo e do abandono. Essa alegoria, nesse sentido, é construída e percebida através de uma sucessão de metáforas presentes no texto, interligadas entre si. No prefácio da obra, em sua edição de 1995, José Chagas capta essa alegoria, apontando que

[...] este poema humaniza, ou melhor, personaliza, magistralmente, a cidade, em sua decrepitude, pois que, de fato, esse envelhecimento está ligado ao destino dos que a habitam, como uma fatal força aniquiladora, até de nossas

esperanças. A rigor, envelhecemos e morremos com ela, enterrando-nos desgraçadamente em seus próprios escombros (CHAGAS, apud CRUZ, 1995, p. 1).

Através de um olhar apurado para a todo do poema, podemos entendê-lo como uma alegoria, porque os possíveis significados despertados por ele existem de forma paralela. Os detalhes de uma das possibilidades de interpretação podem ser evidenciados também na outra. É por meio da alegoria que se verifica a abertura do poema. As metáforas, nesse sentido, delimitam os significados, as interpretações possíveis. De acordo com João Adolfo Hansen (2006),

Como simbolismo proposicional analógico, a alegorização se faz, ainda, segundo dupla orientação. No encadeamento do discurso, ela metaforiza uma expansão das analogias: em cada ponto do discurso, repete um significado ausente, orientando-se para “fora” ou para “outro” diverso daquilo que vai sendo exposto. Assim, a alegoria é não só metáfora (substituição) mas também anáfora (repetição) (HANSEN, 2006, p. 82).

Como expresso pelo teórico, a alegoria também se constrói por meio da repetição. No poema, a referência à velha senhora e à cidade de São Luís, é frequente, expandindo e metaforizando os possíveis sujeitos de que o eu lírico narrador trata. Os versos de 57 a 60 nos evidencia a duplicidade de sentidos que constitui a alegoria da velha.

A velha projeta a agonia no ocaso do coração combalido.
A dor centenária aflora na multidão dos tristes fantasmas.

A lágrima desce como salsugem da flacidez dos seus anos.
A antiga cidade é uma ilha que se desfaz em salitre.

Ela tem coração (mas seria esse um coração humano, um órgão anatômico, ou o coração seria a essência, quem sabe mesmo, o centro da cidade?), a velha é centenária e sente dor (sabe-se que a cidade é histórica, mais que centenária, e carrega consigo as marcas do tempo, do abandono, mas a mulher também poderia ser a centenária que não dispõe do aconchego familiar, do cuidado, porque para o outro, não tem mais nada a oferecer). Se no primeiro momento a velha parece ser a mulher, pelas características e sentimentos humanos

atribuídos a ela, no outro, a antiga cidade fica em evidência, revelando-se ser, também, a velha a quem o eu lírico se refere.

Fechando esse ciclo de apontamentos sobre o poema narrativo de Arlete Nogueira, é pela proximidade proporcionada pelo matrimônio, pela intimidade, pelo olhar crítico e pela partilha do ofício do escritor, que me valho das palavras de seu companheiro de vida, Nauro Machado, para descrever a composição lírica de Arlete. O escritor se refere à obra da esposa como uma escrita que irrompe

em catapultas metafóricas mescladas com amor e raiva, aliando a ética à beleza, pela força vindicativa do verso como réplica de uma realidade mais verdadeira, pois o fardo que a velha mendiga de Litania da Velha carrega, com seus trapos e lembranças, não é somente o da reconstituição de uma vida a perambular por um dia de seu destino pessoal: no périplo luminosamente dramático desse percurso feito pela soma de poucas horas, é a cidade de São Luís que se revela como personagem lírica introjetada na corrente psíquica da subjetividade poética da pessoa – frágil e forte ao mesmo tempo – que a aciona através de uma litania, forma satânica e/ou divina por excelência, para cumprirem ambas – velha mulher e cidade secular – a via-crucis de uma mesma e terrível história sem possibilidade talvez de ressurreição.⁶⁴

A beleza da poesia de Arlete Nogueira, se revela principalmente por meio das metáforas, do poder expressivo que torna possível, por exemplo, nesta narrativa em verso, a cidade tornar-se personagem e ser invadida por tamanha carga subjetiva. O poema pode ser pensado como uma construção literária hipertextual que se transforma ao longo de sua extensão, abrindo espaços para diferentes caminhos que podem ser explorados no âmbito da arte escrita.

Nesse sentido, Arlete inscreve nas Letras nacionais uma obra de grande valor, não apenas estilístico, metafórico, artístico, mas também histórico e representativo. O poema representa parte da história da velha cidade de São Luís, assim como indica uma preocupação com o patrimônio histórico nacional, com a história e a vida do povo brasileiro, que tem sido cada vez mais marcada pela degradação, pela apatia, pela desesperança, embora sejamos um povo persistente a ávidos por renovações. A poesia maranhense, assim como outrora, se

⁶⁴ Em LITANIA DA VELHA, poema de Arlete Nogueira da Cruz e estudos críticos sobre a obra, organização e edição de Nauro Machado e Frederico da Cruz Machado, Lithograf, 4ª edição, São Luís/MA, 2002.

expande para além do território em que nasce e expande horizontes, escancarando nossas raízes, nosso povo e a beleza da palavra que brota de cada canto de nossa imensa nação.

PALAVRAS FINAIS

A forma de dizer da escritora maranhense, em seu poema narrativo, marca, especialmente, na literatura local, uma intensidade lírica, revelando a sensibilidade com que Arlete trata de temas delicados e dolorosos como o abandono, a velhice, a apatia humana, e outros aspectos que embora geralmente indesejados, tornam-se belos e objetos de reflexão para o leitor. Embora não sejam temáticas inéditas, são audaciosas, e o tratamento literário conferido a elas faz toda a diferença, elaborando o estilo particular de escrita da poeta e um importante marco na história da literatura não só do Maranhão, mas do Brasil.

Portanto, penso e chamo a atenção para pensarmos a obra de Arlete, abrindo espaço para incluir certamente a produção de um tanto de outros escritores(as), como uma arte sem fronteiras, uma poética do homem e para o homem que está em constante renovação, transformando o universo à sua volta. Temos, assim, uma arte literária mais que maranhense.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Dinacy Mendonça. Uma Odisséia no Centro Histórico de São Luís. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 24, set./dez. 2010.

CRUZ, Arlete Nogueira da. **A parede**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

CRUZ, Arlete Nogueira da. **Litania da velha**. São Paulo: Digital Gráfica, 1995.

FURTADO, Maria Silva Antunes. **O decadentismo e a litania da velha**: uma leitura a partir da psicanálise. São Luís: Eduema, 2019.

HANSEN, João Adolfo. A alegoria - estado da questão. In: **Alegoria. Construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Atual, 2006.

NORMA, Goldstein. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Ática, 1987.

PAIXÃO, Fernando. **Arte da pequena reflexão**: poema em prosa contemporâneo. São Paulo: Iluminuras, 2014.